

Aves e pássaros a voarem nos céus hispânicos e lusitânicos

Salvador Mourelo

(Vigo)

Introdução

Uma particularidade lexical que compartilham o português e o espanhol, entre muitas outras que aproximam estes dois romances ibero-românicos, é o facto de disporem de dois termos que lhes permitem diferenciar na língua comum os pássaros do resto das aves. A palavra *pássaro*⁽¹⁾ em português — e *pájaro* em espanhol— remete para um conceito menos geral do que o de *ave*, de tal sorte que se estabelece entre eles uma relação de hipónimo e hiperónimo: todos os pássaros são aves mas nem todas as aves são pássaros.

Consultando um dicionário da língua comum, como o Houaiss (2001), podemos verificar que na língua especializada da Ornitologia o termo *ave* designa um grupo taxinómico que constitui uma classe:

ave 1 ORN design. comum aos animais vertebrados, ovíparos, da classe Aves, de corpo coberto por penas, membros anteriores modificados em asas, e bico córneo, sem dentes

No mesmo dicionário, na segunda acepção da palavra também pertencente ao âmbito da Ornitologia, define-se a voz *pássaro* como a designação que recebem as aves da ordem dos passeriformes⁽²⁾ :

pássaro 2 ORN design. comum às aves da ordem dos passeriformes, que possuem bico desprovido de cera e pés anisodátilos

Esta definição não se afasta muito da que aparece no dicionário da Porto Editora (2001):

(1) Na Galiza é mais frequente na fala a forma palatizada *páxaro*, mesmo que não se desconheça, quer na toponímia quer na antroponímia, a forma comum a toda a lusofonia.

(2) Ao final do trabalho incluímos um apêndice com espécies significativas da ordem dos passeriformes junto com uma listagem de espécies de aves não passeriformes.

pássaro (ornit.) ordem de aves de tamanho pequeno ou médio, caracterizadas por possuírem polegar dirigido para trás, inserido ao nível dos restantes dedos e mais forte que o dedo anterior médio.

Disto poderíamos tirar a conclusão de que os conceitos que designam os significantes *pássaro* e *ave* na língua comum se correspondem a uma categorização que reflecte uma classificação natural. Estaríamos perante o que o objectivismo aristotélico denomina uma representação da realidade externa através de símbolos abstractos. Para esta visão, as entidades do mundo formam conceitos ou categorias com as seguintes características (Muñoz, 1995):

- a. Um conceito é o reflexo natural da apreensão das propriedades comuns, naturais e essenciais dos objectos.
- b. Um conceito é formado por todas as entidades que têm uma ou várias propriedades em comum.
- c. Essas propriedades são necessárias e suficientes para definir o conceito.
- d. Todos os conceitos satisfazem *a*, *b* e *c*.

A primeira impressão seria a de nos encontrarmos perante um exemplo *prototípico* de conceito no sentido aristotélico, mas.... nem tudo o que vem à rede é peixe.

À noite todos os pássaros são pardais

Se repararmos não apenas nas definições referentes à língua especializada, como também naquelas próprias da língua comum, veremos que o conceito de pássaro tem uns contornos bastante mais imprecisos do que assinalámos mais acima. No próprio dicionário Houaiss verificamos que o pássaro é uma:

1 ave pequena; passarinho

O dicionário Vox da língua espanhola não deita muita luz sobre a questão do conceito de pájaro:

1 Sustantivo masculino. Nombre genérico que se da a todo género de aves, y esp. a las del orden de los passeriformes

E o dicionário da RAE ainda é mais impreciso, se possível:

1. m. Cualquier especie de ave, especialmente si es pequeña.

Temos destarte que aves de pequeno tamanho podem ser pássaros no sentido da acepção da língua não especializada do dicionário Houaiss, mas não no sentido da acepção do âmbito da ornitologia. O conceito de *pássaro* na língua comum é bastante mais difuso que na língua especializada, com uns limites muito imprecisos. Quão pequena deve ser uma ave para ser considerada pássaro? É condição necessária e suficiente que apresente uma série de características (ou *semas*) comuns a todos os pássaros? São todos os pássaros na mesma medida pássaros?

O modelo das condições necessárias e suficientes é incapaz de resolver estas e outras questões, devido a que a sua rigidez lhe impede explicar realidades que não se ajustem a moldes e não permite compreender a utilização dos termos fora do âmbito de especialidade. É por isso que surgiu a teoria dos protótipos como uma tentativa de superação deste impasse.

Segundo a Linguística Cognitiva (Vilela, 2002), o sistema de categorização lexicalizado nas línguas naturais não é determinado pela partilha, por parte dos membros de uma mesma categoria, de traços (as condições necessárias e suficientes), mas pelo grau de semelhanças com um exemplar representativo da categoria (o protótipo).

No caso que nos ocupa, a própria etimologia da palavra é elucidativa de como se constrói a categoria de *pássaro*. Mais uma vez recorremos ao dicionário Houaiss, que nos fornece uma informação bastante precisa:

ETIM lat. *passer, eris* 'pardal', pelo lat.vulg. **passaru*, com mudança de declinação e alargamento de sentido; f. hist. sXIV *passaro*, sXIV *pasaro*

No entanto, é o dicionário etimológico de Joan Coromines (1991) que, num extenso artigo, nos oferece uns dados de especial relevo para a nossa pesquisa:

En latín designaba el gorrión o quizá más exactamente el pardillo (así cat. *passerell*, fr. *passereau*, it. *pàssera*, etc.), pero en vulgar se encuentra la ac. ampliada 'ave pequeña, pájaro' (citas en Ernout-M., Walde-H y Oroz), que es la propia del rum. *pas_re*, el port. *pás-saro* y el castellano.

A categoria constrói-se à volta de um exemplar típico, o pardal (*Passer domesticus*) ou o pintarroxo (*Carduelis cannabina*), que dá nome à própria categoria por alargamento da sua acepção. O grau em que as outras aves são pássaros depende da semelhança, ou ar de família, que estas apresentarem com o pássaro por antonomásia. É preciso não esquecer que o pardal é uma ave muito frequente e que, embora fosse granívora em princípio, vive agora associada ao homem. Originária da Ásia, distribuiu-se actualmente por quase todo o mundo.

Protótipos e tradução

Em Bernis (1995) informa-se-nos de que a palavra *gorrión* não aparece em textos castelhanos até ao século XVI, sendo «más que probable que las aves a que corresponde fueran denominadas anteriormente como *pas-saros*». O alargamento do sentido de *pássaro*, que passa a designar uma categoria constituída por diferentes espécies de aves, vai levar a que o nível subordinado tenha de ser preenchido por outra denominação. Temos assim que o *passer* latino deixa de ser utilizado, quer em português, quer em espanhol, para se referir a uma espécie em concreto, ao passo que em catalão e italiano a mesma etimologia é base da denominação de nomes específicos de aves, do mesmo modo que no latim (*passerell*, *passera*). No francês, a crescente utilização de *passereau* no sentido de ave passeriforme tem conduzido à perda do seu sentido de pardal, actualmente ocupado por *moineau*.

Nome científico	Português	Espanhol	Catalão	Italiano	Francês	Inglês	Alemão
<i>Passer domesticus</i>	Pardal	gorrión	pardal	passero	passereau*, moineau	house sparrow	Hausesperling, Hausspatz
<i>Carduelis cannabina</i>	pintarroxo	pardillo	passerell	montanello, fanello	Linotte	linnet	Hänfling
<i>Prunella modularis</i>	ferreirinha	acentor	pardal de bardissa	pàssera	accenteur mouchet	dunnock, hedgesparrow	Heckenbraunelle

*actualmente o significado mais corrente de *passereau* é o de ave passeriforme, sendo utilizado *moineau* para se referir ao pardal

Em catalão, italiano, inglês e alemão (e em grande medida em francês), uma mesma palavra cobre na língua comum aquilo que em português e em espanhol representa dois níveis hierarquizados (mesmo que os limites sejam difusos):

Português	Espanhol	Catalão	Italiano	Francês	Inglês	Alemão
ave	ave	ocell	ucello	oiseau	bird	Vogel
pássaro	pájaro					

Repare-se em que nos estamos a referir à língua comum, dado que na língua especializada temos termos como *passerine bird* em inglês, *Sperlingsvogel* em alemão, ou *passeriforme* noutras línguas. São termos que em qualquer caso não são invocados de forma imediata pelo falante.

Além disso, as palavras *ocell*, *ucello* e *oiseau* estão relacionadas etimologicamente com *aucellus*, diminutivo latino de *avis*. Poderia interpretar-se este acréscimo do sufixo como um movimento de *ave* na direcção de *pássaro*, categoria de maior prototipicalidade?

Mesmo em português, para reforçar a ideia prototípica do pássaro como ave de reduzido tamanho, é muito frequente a utilização do diminutivo, de tal modo que o número de ocorrências de *pássaro* e *passarinho* na língua comum é muito semelhante. O que talvez viesse a explicar o facto de nalgumas regiões da Galiza se verificar o deslocamento do acento da primeira sílaba (PÁssaro) para a segunda (paSSAro), como se se considerasse a forma com diminutivo como a comum e originária a partir da qual se obteria por derivação regressiva *passaro* (Coromines, 1991).

Fraseologia, provérbios e estereótipos

A maior pregnância cognitiva que em português tem *pássaro* em relação a *ave*, vê-se reflectida no maior rendimento que o primeiro tem na fraseologia e nos provérbios, tal como se pode apreciar na lista que oferecemos a seguir (Barata, 1989), que, embora não seja exaustiva, reflecte em grande medida a realidade da língua. Isto é importante porque, não devemos esquecer-lo, a fraseologia e os provérbios agem como elementos fixadores de estereótipos sociais⁽³⁾:

Ave, onde muito pousa, tem o ninho.
 Ave de arribação.
 Ave rara.
 Ave de mau agoiro.
 Com boas aves.

(3) Para Vilela (2002), «o provérbio, os ditados, mesmo as máximas, as fraseologias, os “slogans”, representam os estereótipos, as crenças, os mitos, a moral –o deve e o haver– de uma comunidade, de grupos sociais. A distinção dos conceitos veiculados por estes termos baseia-se, ou na sua antiguidade, na autoridade moral, ou em traços formais. Tudo se pode tornar cliché».

A voo de pássaro.
Deixar fugir o pássaro.
Fugir o pássaro da mão (a alguém).
Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.
Pássaro-bisnau.
Pássaro de arribação.
Pássaro de bico amarelo.
Pelo gorjeio se conhece o pássaro.
Ter o pássaro na mão e deixá-lo fugir.
Morrer como um passarinho.
Não fazer mal a um passarinho.
Passarinho que com água se cria, sempre por ela pia.
Ver passarinho verde.

Os equivalentes de muitas destas expressões noutras línguas, nalguns casos não se preocupam com distinguir entre aves pequenas e grandes:

Un ucello in mano ne vale due nel bosco. (italiano)
A bird in the hand is worth two in the bush. (inglês)

Mas nos provérbios alemão e catalão encontramos uma oposição entre o protótipo de pássaro, o pardal, e uma ave mais grande, que num caso é o pombo e no outro o grou:

Ein Spatz [pardal] in der Hand [mão] ist besser als eine Taube [pombo] auf dem Dach [telhado]. (alemão)
Val més pardal a la mà que una grua enlaire. (catalão)

No francês há uma vacilação entre as aves e os pássaros, representados estes últimos, mais uma vez, pelo seu protótipo, o pardal:

Mieux vaut un oiseau en main, que deux en l'air
Moineau en main vaut mieux que pigeon qui vole.

Mas, dado o fundo greco-latino ligado a este tipo de provérbios, será que o *pássaro* que encontramos nas versões portuguesa e espanhola foi antes *pardal* do que *pássaro* no sentido actual e manteve a sua presença nos provérbios apesar da sua mudança de significado?

Conclusões

A teoria dos protótipos permite-nos explicar a mudança de significado da palavra *pássaro* como um processo de alargamento da acepção de um termo que se refere a um exemplar prototípico.

O pardal é uma ave muito frequente e que desde antigo convive com os seres humanos. Partilha com outra série de aves uma forte semelhança, um ar de família, constituindo-se à sua volta uma categoria a que acabou por dar nome. Este processo de prototipicalização pode-se rastrear noutras línguas em que, apesar de não disporem de um equivalente de *pássaro*, o pardal ocupa um lugar central na construção do estereótipo de *ave pequena*.

Com isto não estamos a descrever, necessariamente, uma sequência histórica, mas simplesmente a apontar o que poderiam ser linhas de investigação à hora de explicar os processos de mudança de significado no quadro da teoria dos protótipos.

APÊNDICE

ALGUMAS ESPÉCIES DE AVES PASSERIFORMES COMUNS NA GALIZA

Nome científico	Nome português	Nome espanhol
<i>Passer domesticus</i>	pardal	gorrión
<i>Lullula arborea</i>	cotovia	totovía
<i>Alauda arvensis</i>	laverca	alondra
<i>Hirundo daurica</i>	andorinha-dáurica	golondrina dáurica
<i>Turdus merula</i>	melro-preto	mirlo
<i>Troglodytes troglodytes</i>	carriça	chochín
<i>Prunella modularis</i>	ferreirinha	acentor
<i>Erithacus rubecula</i>	pisco-de-peito-ruivo	petirrojo
<i>Luscinia megarhynchos</i>	rouxinol	ruiseñor
<i>Emberiza citrinella</i>	escrevedeira-amarela	escribano cerillo
<i>Fringilla coelebs</i>	tentilhão	pinzón
<i>Sturnus vulgaris</i>	estorninho	estornino
<i>Carduelis carduelis</i>	pintassilgo	jilguero
<i>Carduelis cannabina</i>	pintaroxo	pardillo
<i>Garrulus glandarius</i>	gaio	arrendajo
<i>Pica pica</i>	pega-rabuda	urraca
<i>Motacilla alba</i>	alvéola, lavandeira	lavandera
<i>Corvus corax</i>	corvo	cuervo
<i>Saxicola torquata</i>	chasco, cartaxo	tarabilla

AVES E PÁSSAROS A VOAREM NOS CÉUS HISPÂNICOS E LUSITÂNICOS

<i>Cinclus cinclus</i>	melro-de-água	mirlo acuático
<i>Lanius collurio</i>	picanço-de-dorso-ruivo	alcaudón
<i>Corvus corone</i>	gralha-preta	corneja

ALGUMAS ESPÉCIES DE AVES NÃO PASSERIFORMES COMUNS NA GALIZA

Nome científico	Nome português	Nome espanhol
<i>Apus apus</i>	andorinhão	vencejo
<i>Phalacrocorax aristotelis</i>	corvo-marinho-de-crista	cormorán moñudo
<i>Ciconia ciconia</i>	cegonha-branca	cigüeña
<i>Anas platyrhynchos</i>	pato-real	ánade real
<i>Accipiter gentilis</i>	açor	azor
<i>Accipiter nisus</i>	gavião	gavilán
<i>Picus viridis</i>	pica-pau-verde, peto-verde	pito real
<i>Aquila chrysaetos</i>	águia-real	águila real
<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino	halcón
<i>Bubo bubo</i>	bufo-real	buho real
<i>Tetrao urogallus</i>	tetraz, galo-montês	urogallo
<i>Perdix perdix</i>	perdiz cinzenta	perdiz pardilla
<i>Coturnix coturnix</i>	codorniz	codorniz
<i>Phasianus colchicus</i>	faisão	faisán
<i>Athene noctua</i>	mocho-galego	mochuelo
<i>Tyto alba</i>	coruja	lechuza
<i>Numenius arquata</i>	maçarico-real	zarapito real
<i>Larus argentatus</i>	gaivota-prateada-grande	gaviota argéntea
<i>Uria aalge</i>	arau	arao
<i>Columba palumbus</i>	pombo-torcaz	paloma torcaz
<i>Streptopelia turtur</i>	rola	tórtola
<i>Cuculus canorus</i>	cuco	cuco

Outra espécie de aves não passeriformes que não se encontram em estado natural na Galiza são os papagaios, os periquitos, as avestruzes, os quivis, os pinguins, as galinhas, os pavões, os beija-flores, os condores, etc.

Bibliografia

- AA.VV. 1989 *Duden Deutsches Universalwörterbuch*. Dudenverlag, Mannheim.
- AA.VV. 1995 *Atlas de Vertebrados de Galicia*. Tomo II. Aves. Consello da Cultura Galega, Compostela.
- AA.VV. 1997 *Diccionario General de la lengua española*. Vox, Barcelona.
- AA.VV. 1998 *The Oxford – Hachette French Dictionary*. Oxford University Press, Oxford.
- AA.VV. 2001 *Diccionario de la lengua española*. 22 Edición. Real Academia Española.
- ALCOVER e col. 1993 *Diccionari català-valencià-balear*. Editorial Moll, Palma de Maiorca.
- BARATA, António Martins 1989 *Dicionário prático de locuções e expressões peculiares da língua portuguesa*. Livraria Apostolado da Imprensa, Braga.
- BERNIS, Francisco 1995 *Diccionario de nombres vernáculos de aves*. Gredos, Madrid.
- BRUUN, Bertel, DELIN, Håkan e SVENSSON, Lars 1993 *Aves de Portugal e Europa*. FAPAS, Porto.
- COROMINAS, Joan e PASCUAL, J.A. 1980 *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Gredos, Madrid.
- GHITESCU, Micaela 1997 *Novo dicionário de provérbios*. 2ª Edição. Fim de Século Lda., Lisboa.
- HOUAISS 2001, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva Lda., Rio de Janeiro.
- MUÑOZ Martín, Ricardo 1995 *Lingüística para traducir*. Teide, Barcelona.
- ROBERT, Paul 1989 *Le Grand Robert de la Langue Française*. Dictionnaires Le Robert, Paris.
- SEABRA, Manuel de e DEVI, Vimala 1985 *Diccionari portuguès-català*. Enciclopèdia catalana, Barcelona.

VILELA, Mário 2002 *Metáforas do Nosso Tempo*. Livraria Almedina, Coimbra.

ZINGARELLI, Nicola 1998 *Lo Zingarelli, 10ª Edição*. Zanichelli editore S.p.A., Bolonha.

Recursos na internet

<http://europa.eu.int/eurodicautom/> –Contém bastantes nomes científicos e vernáculos nas diferentes línguas da UE.

<http://www.ieeta.pt/~pjf/Aves/aves.html> –Sítio com nomes de aves de Portugal e a Europa. Denominação científica e nomes vernáculos em português e inglês.

<http://www.termcat.net/> –Centro de Terminologia do catalão.